



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

NAIR MARIELLY DAS CHAGAS SOUZA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROJETO “FÁBULAS AFRICANAS”
COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.**

BELEM

2019

NAIR MARIELLY DAS CHAGAS SOUZA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROJETO “FÁBULAS AFRICANAS”
COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado pela Faculdade de Educação, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, orientada pela Profª Drª Selma Costa Pena.

BELÉM/PA

2019

NAIR MARIELLY DAS CHAGAS SOUZA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROJETO “FÁBULAS AFRICANAS”
COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado pela Faculdade de Educação, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, orientada pela Profª Drª Selma Costa Pena.

Data de aprovação: ____/____/2019

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª Selma Costa Pena – Orientadora

Profª. Maria Celeste Gomes de Farias

Prof. Douglas Almeida de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que sempre foi meu principal guia e luz diante de todos os impasses e batalhas presentes neste curso, principalmente nas dificuldades que senti para conseguir chegar ao término.

À minha família, especialmente meus pais e minha irmã que contribuíram com todo encorajamento, força e apoio desde o início do curso.

Ao meu filho João Pedro, por ter aceitado tantas vezes minha ausência, pois tudo foi feito pensando em nosso futuro.

À minha orientadora Selma Costa Pena, pelo compartilhamento de sua sabedoria e determinação, pela paciência e dedicação que me fizeram acreditar que conseguia vencer essa batalha.

Aos meus colegas do curso de Pedagogia “Turma 114”, que caminhando juntos nesta empreitada, nos ajudamos para jamais desistir, mesmo nos momentos difíceis.

Aos sábios professores da UFPA, que souberam repassar seus ensinamentos com compromisso, dedicação e carinho.

DEDICATÓRIA

A Deus, que me permitiu finalizar o curso no tempo que Ele me oportunizou.

Aos meus familiares, filho e namorado, que estiveram ao meu lado desde o dia em que fui aprovada e, muitas vezes, mesmo sem entender o meu cansaço acreditaram na minha capacidade de vencer.

“Espere no Senhor. Seja forte! Coragem!”

Salmos 27:14

“Pessoas que sabem as soluções já dadas são mendigos permanentes. Pessoas que aprendem a inventar soluções novas são aquelas que abrem portas até então fechadas e descobrem novas trilhas. A questão não é saber uma solução já dada, mas ser capaz de aprender maneiras novas de sobreviver.”

Rubem Alves

.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2.1. O espaço da experiência	15
3. RELATANDO A EXPERIENCIA	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

LISTA DE FIGURAS

Figuras 01 a 03-----	26
Figuras 04 e 05-----	29
Figuras 06 a 11 -----	30
Figura 12 a 14 -----	31
Figura 15 -----	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -----24

Quadro 02 -----32

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência com o projeto “Fábulas Africanas”, utilizado para discussão e reflexão a respeito da metodologia necessária para aprimorar a linguagem oral e escrita dos alunos do 2º ano do ensino fundamental, bem como o papel do professor para que esse aprimoramento seja consolidado. A experiência foi realizada na escola Sesc Ananindeua, local em que atuamos como estagiária. O trabalho foi fundamentado em autores que evidenciam em suas pesquisas o papel do professor como essencial para aprendizagem, como Kramer (2006) que afirma que o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos no que diz respeito a educação, bem como atividades essenciais para o avanço no nível de linguagem dos alunos. Na metodologia optou-se pela análise qualitativa para compreender as atitudes, motivações e comportamentos da turma a qual foi feito o relato, apoiando-se em teóricos que abordam as questões relevantes sobre o processo de linguagem dos alunos. A experiência em sala de aula seguiu as etapas descritas para o projeto e foi realizada em quatro meses. As atividades tiveram por objetivo identificar o nível de escrita de cada aluno e auxiliá-los nesse processo de aprendizagem. Podemos dizer que as etapas do projeto junto com atividades complementares se tornaram eficazes, pois fez com que alguns alunos evoluíssem no nível de compreensão da linguagem oral e escrita. No entanto, é um processo árduo e demorado, visto que os níveis de aprendizagem eram bem diferentes e tiveram três alunos que, mesmo com todas as atividades, não avançaram significativamente, o que aponta que é necessário investir em mais e novas estratégias para o processo de alfabetização.

Palavras-chaves: Práticas de leitura e escrita. Gênero Fábulas. Anos iniciais.

1- INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em um relato de experiências vivenciado no estágio curricular do curso de licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará. Tem como objetivo descrever e analisar a trajetória de intervenção acerca do trabalho com leitura e escrita desenvolvidos na realização de um projeto intitulado “Fábulas africanas”.

O relato de experiência é um texto que descreve uma experiência que possa contribuir de forma relevante para a futura área de atuação. Deve apresentar as motivações ou metodologias para as ações tomadas na situação e as considerações e/ou impressões que a vivência trouxe. O relato é feito de modo contextualizado, com objetividade e referencial teórico. Dessa forma, não é uma narração emotiva e subjetiva, nem uma mera divagação pessoal e aleatória.

A origem deste trabalho inicia com minha vida acadêmica que iniciou em 2014, quando fui aprovada, na Universidade Federal do Pará, para cursar Licenciatura em Pedagogia. Inicialmente não tinha certeza se era o que realmente queria estudar, no entanto, aos poucos, fui me adaptando e me apaixonando cada vez mais pelo curso e suas possibilidades de ramificações na área de trabalho. Foi um processo árduo o qual enfrentei disciplinas teóricas difíceis que exigiram de mim total atenção e empenho, com o intuito de que tivéssemos uma base sólida de conhecimento e pudéssemos compreender e enfrentar os desafios que a docência impõe diariamente, repassando, futuramente, de maneira sucinta, tudo o que aprendemos.

Logo no início do curso tinha o desejo de investir e seguir na área da gestão, como diretora/coordenadora de escolas. Nunca pensei e, até então, não gostaria de ser professora devido à complexidade e tensão ocasionadas pela desvalorização do seu trabalho em grande parte do país, acarretando em constante desgaste físico e emocional que os professores sofrem. Tudo mudou com o passar dos semestres.

Com a chegada dos semestres de estágios supervisionados pelos professores da própria universidade pude conhecer como é trabalhar com crianças, perceber o quanto é prazeroso e satisfatório. Primeiramente estágio em coordenação, o qual fiquei responsável pela observação na sala do segundo ano do ensino fundamental, em seguida na educação infantil, com os bebês do berçário, logo depois, no terceiro ano do ensino fundamental, os quais observei e propus intervenções pedagógicas nos dois últimos. Nesse entremeio tive a oportunidade de realizar o processo seletivo para estágio na escola Sesc Ananindeua, no contra turno, o qual fui aprovada e estagiei por dois anos consecutivos.

Com isso, após todos os semestres destinados a teorias, tive então a oportunidade de aplicá-las como docente nos estágios. A ansiedade e insegurança se fizeram presentes em vários momentos, pois, Roldão (2007, p.94) afirma que a função docente se caracteriza pela ação de ensinar sendo que o conceito de ensinar não é definido de modo simples e fácil, pois há diferença entre “professar um saber” e fazer os outros aprenderem alguma coisa. Nunca havia tido contato direto no ensino de tantas crianças com personalidades e culturas diferentes, mas sempre acreditei que, com uma boa orientação de um professor atencioso e paciente junto à minha dedicação, perseverança e empenho, faria um trabalho exemplar e aprenderia o necessário para me tornar uma ótima professora.

Perret-Clermon e Schuabauer-Leoni (1989) citados por Teixeira e Reis (2012, p. 178) salientam que:

A aprendizagem é um processo fundamental da vida humana, que implica ações e pensamento tanto quanto emoções, percepções, símbolos, categorias culturais, estratégias e representações sociais. Ainda que descrito frequentemente como um processo individual, a aprendizagem é também uma experiência social com vários companheiros (pais, professores/as, colegas, etc.).

Dentre muitos aprendizados assimilados nos estágios, percebi o quão necessário é, inicialmente, o educador ter a sensibilidade de (re)conhecer as realidades, as diversidades no âmbito cultural e social que estão ao seu redor, seja no âmbito formativo ou na sala de aula, o que se torna essencial para a compreensão de como se dará o desenvolvimento da aprendizagem. Kramer (2006, p.810) afirma que na educação infantil e no ensino fundamental, o objetivo é atuar com liberdade para assegurar a apropriação e a construção do conhecimento por todos. Assim, o aprimoramento do conhecimento e o trabalho do educador devem transcorrer de maneira:

- 1 - Irrestrita, para que todos os alunos se sintam acolhidos e inseridos naquele espaço;
- 2- Libertadora, para que possam compartilhar suas ideias, dúvidas e experiências sem imposições;
- 3- Crítica, para que permita refletir sobre conceitos relacionados à cultura, informação, o cotidiano e busquem as resoluções, sem estarem dependentes de respostas prontas.

Em outras palavras, é preciso que professor tenha um olhar mais sensível para o aluno, que construa uma relação na qual o diálogo se faça presente e desenvolva um processo de aprendizagem levando em consideração os conhecimentos já construídos pela criança, para que, então, possa criar situações em que elas passem a refletir e compreender melhor sobre a leitura e a escrita.

Dessa forma, o trabalho com crianças, aliado aos critérios citados anteriormente, exige do professor, ainda, uma constante busca por métodos inovadores e diferenciados que promovam facilidade no seu aprendizado, como por meio do lúdico, tornando-a mais interessante e, automaticamente, mais eficaz. No segundo ano do ensino fundamental, como estão no período de alfabetização, é ainda mais necessário. Rojas, Souza e Cintra (2008), citados por Guarda et.al (s.a,) complementam, afirmando que,

Faz-se necessário, no contexto escolar, de um profissional que acredite na mudança, nas possibilidades, nas ambiguidades, que ouse, que invente, que faça, que se refaça no cotidiano, refazendo sua postura ante sua experiência. A educação grita desesperadamente à procura de pessoas comprometidas com seu caminhar e pessoas que se admiram desse processo, que admiram a vida, que admiram o próprio processo de educar, pessoas acima de tudo competentes, coerentes, perseverantes, que acreditam nos sujeitos, nas mudanças, enfim, na educação. (ROJAS, SOUZA, CINTRA, 2008, p. 31).

Sabendo-se que nessa idade/ano correspondente, por volta dos sete anos, grande parte dos alunos ainda não possuem o domínio sistemático da leitura e, conseqüentemente, da escrita, foi necessário desenvolver projetos que estimulassem o aprender, o ler, o escrever e aprimorassem os seus conhecimentos, de acordo com os conteúdos previstos para a série, sem transformar o ensino em um processo monótono, onde os alunos se mostram desinteressados e dispersos, limitando a produtividade.

Diante de tantas dificuldades em interpretação de textos como a não identificação do assunto principal da história ou de seus personagens, percebe-se que os alunos necessitam de maiores práticas de e para a leitura. Kleiman (1996) ressalta que, certa dificuldade de leitura somada ao pouco hábito de ler aponta para uma possível falta de familiaridade com o texto escrito, em suas diferentes modalidades. Dessa forma, o prazer pela leitura se evidencia como essencial para a formação dos alunos, visto que, a prática de ler se adquire com o tempo, diversifica o vocabulário e possibilita autonomia, criticidade e ampla visão de mundo para quem o possui.

É nesse momento que o professor inspira em cada aluno o prazer da leitura, como oportunizar a prática de análise dos mais diversos gêneros textuais, perguntar sobre o enredo, onde o leitor identifique os acontecimentos e os personagens, de forma que possam pensar sobre o que foi lido, estimular que os alunos representem a sua interpretação por meio de desenhos, inovar em atividades que envolvam os alunos e suas realidades, que os façam se imaginar naquela história e, conseqüentemente, o gosto por estar sempre próximo de uma boa e prazerosa leitura.

Teoricamente desenvolvemos a pesquisa ancorada na concepção dialógica e interacionista da linguagem que concebem a leitura e a escrita como uma interação. Nesse sentido, a apropriação da leitura e da escrita deve ser pensada dentro de um processo de troca e compreensão de sentidos que se dão nas interações entre os diferentes sujeitos.

O trabalho foi dividido nos seguintes tópicos: introdução em que descrevo a trajetória pessoal e acadêmica que originaram a escolha por esse tema; em seguida descrevo o percurso metodológico, apontando todos os passos construídos para a efetivação da pesquisa; o Relato da experiência compõe o terceiro tópico e este é seguido de minhas considerações finais.

2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi realizado durante o estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia da UFPA, no período compreendido entre março a dezembro de 2018. Ocorreu na escola Sesc Ananindeua, mais especificamente na turma do segundo ano do ensino fundamental com o projeto “Fabulas africanas”.

A metodologia empregada foi descritiva, reflexiva e analítica. Trata-se de um relato de experiências, resultado da experiência vivida na escola, integrando teoria e prática. Com a intenção de cumprir os objetivos aqui propostos optei pelo método qualitativo de pesquisa que tem como finalidade conseguir dados voltados para compreender as atitudes, motivações e comportamentos de determinado grupo de pessoas. Objetiva entender o problema do ponto de vista deste grupo em questão.

Oliveira (2008) afirma que as principais características da pesquisa qualitativa são:

- 1 ^a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.
- 2 ^a) A pesquisa qualitativa é descritiva.
- 3 ^a) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
- 4 ^a) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.
- 5 ^a) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Como forma de registro das observações e das atividades desenvolvidas foi utilizado um diário de campo, instrumento utilizado para registrar ou anotar os dados construídos passíveis de interpretação. Ou seja, é uma ferramenta que me permitiu sintetizar as ideias e registrar as experiências vividas na turma para posteriormente analisar os resultados, como o caderno de planejamento das aulas e o caderno de registro diário, nos quais anotávamos todas as ocorrências do dia-a-dia da turma.

Para a realização das teorizações foram feitas buscas em artigos, livros e dissertações que em muito contribuíram para a melhor discussão e efetivação do trabalho com a linguagem escrita na escola.

2.1 O espaço da experiência

O Sesc (Serviço social do comércio) é uma escola ampla e muito bem equipada, conta com recursos como cinema, equipe de nutrição, sala de vídeo, refeitório, área ao ar livre, sala de recursos multifuncionais, biblioteca, entre outros ambientes que favoreçam e estimulem o aprendizado, pois tem uma proposta pedagógica abrangente e inclusiva, possibilitando a todos os seus alunos aprender de maneira lúdica, sem imposição de pensamentos e/ou ideias fechadas.

É por meio de sua programação voltada para a diversidade sociocultural, desenvolvimento da cidadania e constante formação de seus professores que o Sesc privilegia e estimula a autonomia do aluno, no que diz respeito a possibilidade de reflexão, análise, diálogo, reponsabilidade, pensamento crítico, solidariedade e cuidados com a saúde. Consequentemente, promove a possibilidade de lidar com os mais diversos contextos sociais, para que se tornem adultos exemplares e com amplo poder de criticidade.

Dessa forma, estagiei por dois anos na escola Sesc (2017 e 2018), em duas turmas completamente diferentes, mas ambas no segundo ano do ensino fundamental, denominadas por nomes de pássaros: Sete cores e Pavão. As salas de aula têm capacidade para 25 alunos e, logo de início, pude observar as diferenças de todas as escolas ditas tradicionais as quais já havia presenciado. Conforme Arruda (2000), a sala de aula é um lugar ótimo para se aprender a observar, não olhando com um pouco mais de interesse, mas intencionalmente, em busca de soluções, na descoberta de relações e do que não é evidente.

Assim, Teixeira e Reis (2012, p. 177) destacam que o espaço da sala de aula,

deve ser um lugar aprazível e ter as condições necessárias às diferentes aprendizagens – da leitura, da escrita e de outras. Para que tal seja possível, é fundamental que estejam reunidas condições de ambientação, de cuidado com a sala, da sua preparação e adequação às práticas pedagógicas.

Nesse sentido, ARENDS (2008), citado por Teixeira e Reis (2012, p. 170), ressalta, ainda, a importância de que

A disposição dos alunos nas carteiras ajuda a determinar os padrões de comunicação e das relações interpessoais nas salas de aula e influencia uma variedade de decisões diárias que os professores têm de tomar acerca da utilização e gestão dos recursos ao seu alcance. (ARENDS, 2008)

É uma escola que adota a teoria construtivista, ou seja, acredita-se que os alunos tem muito a contribuir com o processo de ensino-aprendizado a ser adquirido na escola por meio de suas experiencias e conhecimentos prévios. Dessa forma, Arruda (2000) afirma que

O construtivismo tem como meta construir e desenvolver as estruturas mentais. O processo é recursivo, de modo que a construção de novos blocos de conhecimento é produto de construções prévias. Dessa forma, a estrutura e o conteúdo de conhecimento são entrelaçados no construtivismo, pois a importância do conhecimento, das crenças e das habilidades prévios é enfatizada para a aquisição de novos conhecimentos.

Resumindo:

1. A aprendizagem se dá através do ativo envolvimento do aprendiz na construção do conhecimento.
2. As idéias prévias dos estudantes desempenham papel importante no processo de aprendizagem.

Outra característica comum no construtivismo é a disposição das carteiras, que são unidas em grupos de seis, de maneira que nenhum aluno fique afastado, conforme ARENDS (2008) e RICHARDSON, (1997), citados por Teixeira e Reis (2012, p. 173)

O modelo de ensino designado como aprendizagem cooperativa, além de ajudar os alunos na aprendizagem de conteúdos e competências escolares, contempla metas e objetivos sociais e de relações humanas, surgindo a necessidade de atribuir uma atenção especial ao uso do espaço na sala de aula. [...] A disposição em grupos de quatro ou seis alunos, [...] torna-se útil para a discussão em grupos, para a aprendizagem cooperativa e/ou para outras tarefas realizadas em pequeno grupo.

Os escaninhos são divididos por cores e áreas do conhecimento e com mobilidade acessível, em todas as salas há o cantinho da leitura. Por adotarem a metodologia construtivista de ensino, não há a utilização de livros didáticos pois acredita-se que eles oferecem uma aprendizagem de conceitos fechados, baseada na memorização, indo contra a ideia de que o aluno participe do próprio aprendizado de forma ativa, por meio da pesquisa em grupo, da experimentação, do estímulo à dúvida e oralidade, entre outros. Os conteúdos são trabalhados, ainda, por meio de projetos.

Inicialmente, nós estagiários, temos o período de duas semanas de observação sobre o funcionamento e a metodologia adotada na escola. Após isso, temos que fazer um “Plano de estágio”. É um documento redigido em forma de artigo onde detalhamos em justificativa, objetivos, metodologia e atividades a serem desenvolvidas, texto este que deve ser fundamentado teoricamente, sobre a importância do estágio, o que pretendemos realizar e alcançar após o término.

Assim, logo no primeiro dia de observação na turma Pavão, de 2018, segundo ano do ensino fundamental e, em média, alunos de sete anos, a qual farei o relato, pude notar que era uma turma bastante agitada, comunicativa e carinhosa, mas poucos respeitavam os momentos de fala da professora, seja na explicação das atividades ou em uma simples conversa, fato este que me incomodava bastante.

Dessa forma, percebi que nós precisávamos trabalhar mais a questão da escuta e do respeito ao momento de fala do outro para que todos pudessem ser ouvidos. Outro ponto que me chamou atenção foi a questão da escrita e da oralidade dos alunos que em alguns era muito boa, mas, na maioria, era pouco desenvolvida.

Deste modo, após conhecer a turma, a professora e eu tivemos uma pequena reunião. Formada em Licenciatura em Pedagogia e com atuação há quatro anos na escola Sesc Ananindeua como docente e dois anos como estagiária, ela me mostrou um pouco sobre o seu modo de trabalhar, as atividades que já havia proposto, os projetos que estavam em andamento,

sugestões sobre como fazer o planejamento diário e, principalmente, algumas anotações a respeito da linguagem escrita dos alunos que sentiam mais dificuldades para que propuséssemos atividades, baseadas na temática dos projetos, para melhorar a linguagem oral e escrita de todos. Foi um momento essencial para que pudesse aprender a lidar com as necessidades da turma e o dia-a-dia da escola.

Todos os dias, iniciávamos as aulas com uma roda de conversa. É o principal momento de fala e escuta, tanto do aluno quanto do professor. A partir disso, Guarda et.al (s.a) enfatizam que,

A roda de conversa permite que a criança tenha voz e vez naquele espaço, sentindo-se parte do grupo, das escolhas e das decisões. Era também uma oportunidade de trabalharmos o pôr-se a escuta do outro, do respeito às diferentes opiniões. (...) É importante a criança se ver no outro, compartilhar suas opiniões, iguais ou diferentes das dos demais e aprender a respeitar. Esse protagonismo, esse ser ouvido, faz toda diferença na hora de motivar a criança para ir à escola ou aprender algo. Na sala de aula a escuta sensível se adotada pelo professor, facilita o diálogo tão necessário na prática docente, uma vez que promove a confiança absoluta entre o professor e aluno.

Seja para explicar do planejamento diário, chamada, preencher o quadro de cooperação, construção de combinados, explicação das atividades, brincadeiras, leitura de livros, explanação do dever de casa e quaisquer outras discussões eram feitas por meio de roda, para que todos pudessem se ver, se ouvir e, até mesmo, compartilhar ideias, questionamentos e situações para todos os colegas. Após a roda, em caso de atividades, os alunos voltavam para as suas mesas para escrever e resolvê-las.

As atividades realizadas em sala de aula, por não ter o acompanhamento em livros didáticos, se davam por meio de escrita no caderno, dividido por cores e disciplinas, e atividades xerocopiadas a qual, primeiramente, abordávamos o conteúdo e, em seguida, vinham questões interpretativas relacionadas ao conteúdo explicado. Para ampliar e reconhecer a escrita, em todas as atividades os alunos deveriam escrever o seu nome, o da turma, o das professoras e a data.

Procurávamos abordar nas mais diversas atividades, sejam elas em grupo ou individuais, que retratassem o reconhecimento dos números, suas determinadas posições, das letras, fonemas, palavras e seus significados, relacionando interpretação de texto para obter o cálculo solicitado, o reconhecimento dos biomas com a identificação do lugar onde vivemos, preservação da natureza e vegetação, entre outras que diversificamos promovendo a ampliação do entendimento, pois sabemos que o modo de aprender dos alunos não é o mesmo, então buscamos métodos para que todos pudessem compreender, da melhor maneira possível, o que estava sendo explicado.

Os alunos realizavam, uma vez por semana, visita a biblioteca que deve, de acordo com SILVA (2011, p. 500) citado por Soares (2014, p. 8)

[...] exercer as funções de incentivar a leitura dos estudantes; aprimorar a produção e uso da informação em diversos suportes; organizar atividades que valorizem a consciência social e cultural em nível local, nacional e global; apoiar as atividades integradas ao currículo da escola.

Soares (2014, p. 8) reafirma que a biblioteca “deve representar um espaço prazeroso, do ato de ler como uma experiência de satisfação e encantamento”. Dessa forma, era um lugar amplo, bem iluminado, onde os alunos podiam ler e emprestar livros, levar para casa e devolvê-los na semana seguinte para emprestar outro.

A biblioteca da escola apresentava uma diversidade muito grande como gibis, literatura infantil, jornais, portfólios construídos pelos próprios alunos, lendas, poesias, entre outros que faziam o encanto dos alunos pelo mundo da leitura, seja ela convencional ou não. E ainda contava com um profissional com formação específica para exercer a função, que transmitia aos alunos os cuidados e a preservação dos livros e oficinas que inspiravam a criatividade e o conhecimento, por meio de um bom relacionamento e boa comunicação com todos.

Assim, Soares (2014, p. 9) ressalta a função da biblioteca deve ser a de:

estimular o aluno a buscar textos de acordo com suas expectativas, necessidades e interesses; explicar aos alunos a organização da biblioteca e informar sobre onde encontrar livros e informações; oportunizar momentos de mediação da leitura; sugerir a leitura de variados gêneros textuais; desenvolver debates sobre livros lidos; estimular o pensamento crítico com idéias criativas e ampliação da visão de mundo; organizar momentos de contação de histórias; (...)

Diante disso, fazíamos constantemente atividades com livros de literatura infantil. Segundo Barros (2013, p. 21), a literatura é indispensável na escola por ser o meio necessário para que a criança compreenda o que acontece ao seu redor, seja capaz de interpretar diferentes situações e escolher caminhos com os quais se identifica.

Seja um tema relacionado ao projeto que estivesse sendo trabalhado naquele momento como “Fábulas africanas” ou temas diversos. Leituras de fábulas como “O leão e o rato”, “a tartaruga e a lebre”, as lendas amazônicas como “A Cobra grande”, entre outras histórias que promovem tamanho enriquecimento da linguagem oral e a ampliação do vocabulário dos alunos, aprendendo palavras novas para utilizá-los posteriormente.

Continuaremos, agora, descrevendo e analisando a experiência realizada.

3- RELATANDO A EXPERIENCIA

O projeto “Fábulas africanas” teve duração de quatro meses e surgiu durante a semana pedagógica 2017, em Castanhal, durante uma formação apenas para professores e coordenação; os estagiários não puderam participar. Teve o intuito de se tornar um projeto que evidenciasse a riqueza histórico-cultural presentes nas fábulas de origem africana, seguindo os objetivos propostos para os alunos do ensino fundamental nos PCNs (1997, p. 9), de língua portuguesa:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

O gênero textual fábula é caracterizado por uma pequena narrativa onde os principais personagens são animais “humanizados”, ou seja, eles falam e agem como as pessoas. Conforme Arcanjo (2015),

[...] o leitor, ao ler ou ouvir uma Fábula, se vê diante de uma realidade que é fictícia, mas que, trata mimeticamente da realidade. O interessante é que quando lemos as Fábulas, sabemos que muitas delas foram escritas há muitas décadas, contudo, suas “lições de moral” podem servir para a sociedade atual. A fábula é um dos gêneros literários mais antigos, encontrado praticamente em todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos. Teve início, assim como os contos de fada, na oralidade e tem, com isso, uma ligação muito íntima com a “sabedoria popular”.

As histórias tem o intuito de repassar sempre uma lição de moral como forma de aconselhar e instruir, fazendo com que o leitor reflita sobre o seu comportamento em relação a si mesmo e aos outros. Arcanjo (2015) afirma, ainda, que,

Sendo um gênero que explicita modos devidos e indevidos de comportamento, atuando sobre o leitor numa perspectiva predominantemente ética, as fábulas não deixam de lhe proporcionar, no entanto, uma leitura, a um só tempo, crítica e prazerosa.

No entanto, Lima e Rosa (2012, p. 7) reafirmam que,

Enquanto discurso, a fábula é uma fórmula específica de comunicar pensamentos críticos. Ela dirige-se à inteligência, provoca discussões, desafia a crítica e fomenta capacidade dos alunos de analisar e julgar. As fábulas fazem o aluno observar situações de conflito, que os levam a afastar-se delas sob determinadas circunstâncias e a oferecer situações estratégicas para resolvê-las; as fábulas desafiam a fazer exames críticos de comportamentos e, ao mesmo tempo, à autocrítica, ao rever os próprios modos e posturas.

Esopo, Phedro e La Fontaine são considerados os autores pioneiros na escrita das fábulas. La Fontaine tem uma vasta coleção de fábulas publicadas em sua autoria como “A cigarra e a formiga”, “O lobo e o cordeiro”, “A raposa e o esquilo”, entre outras obras que fazem bastante sucesso no mundo todo. Aqui no Brasil, Monteiro Lobato inovou ao recontar algumas fábulas por meio de prosa e, ainda, apresentou algumas de sua própria autoria.

Ainda de acordo com a Lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996, passou a ser obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica (BRASIL, 2004), temos como principal objetivo conhecer sobre a cultura da sociedade africana, bem como suas características geográficas referentes à localização e diferentes animais pertencentes aos países africanos.

Dessa forma, o projeto também se mostrou essencial para a questão da representatividade, respeito e reconhecimento da cultura africana, abriu possibilidades de discussão sobre um assunto que vai além da sala de aula, como a conscientização e luta contra o preconceito racial, infelizmente, ainda muito comuns nos dias de hoje. Santos e Neto (2011) afirmam que,

O reconhecimento e a valorização da cultura negra são elementos importantes nas relações sociais na escola, no sentido de permitir que a comunidade escolar possa perceber a importância das diferenças étnico-raciais na formação e na riqueza cultural da nossa sociedade.

Outro ponto essencial abordado com o trabalho da cultura africana é construção da identidade, a aceitação física e cultural da criança negra, fazendo-a se sentir pertencente àquela sociedade, criando assim, um indivíduo consciente e confortável com suas próprias características. Santos e Neto (2011) afirmam ainda que,

A presença efetiva do negro na escola é fundamental, pois traz à tona muitos aspectos ocultos da nossa história e permite que os sujeitos possam se enxergar nos livros, nos fatos e nos ídolos de forma digna. Os sujeitos identificados como representantes de prestígio da raça/etnia no contexto estudado possibilitam que alguns estudantes negros reconheçam seu pertencimento étnico-racial e, dessa forma, possam assumir uma postura de liderança e de exemplo em suas relações.

Teve o intuito, ainda, de reconhecer as similaridades e peculiaridades desta cultura, e a sua influência na formação cultural brasileira desenvolvimento das atividades propostas junto aos alunos participantes e a contribuição na formação de identidade negra de forma positiva pelas crianças, negras e não negras, compreendendo a necessidade de respeito à diversidade étnico-cultural. Gomes (2003) ressalta que

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um "nós", de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse "nós" possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade.

Com isso, o estudo dos gêneros textuais, principalmente a fábula, passam a ser o principal aliado ao trabalho com o projeto. Wittke (2011, p. 112) destaca que compete ao professor oportunizar aos alunos o estudo dos gêneros textuais, a fim de que entendam sua

composição, estilo e funcionalidade; não só para reconhecer e compreender, mas também para construir seus textos de modo adequado. Wittke (2011, p. 107) ressalta que,

Visando, então, a desenvolver a capacidade de comunicação de nosso aluno, sugerimos que o professor traga diferentes tipos de textos à sala de aula, criando oportunidades para que o aluno entre em contato e estude variados gêneros textuais, os quais circulam diariamente em nosso meio nas mais diversas situações sociais.

Assim, os alunos tiveram contato com as fábulas africanas e com as popularmente conhecidas em nosso país, explorando, também, livros que abordassem o assunto.

Foram várias atividades, divididas em etapas, postas em prática de acordo com as datas previamente propostas no projeto e descrito no planejamento semanal. Realizado nas duas turmas do segundo ano do ensino fundamental, o projeto foi apresentado, em sua etapa inicial, como todas as atividades propostas diariamente: por meio de roda de conversa.

Questionamos inicialmente os alunos a respeito dos seus conhecimentos sobre fábulas: O que é fábula? Alguém conhece alguma fábula? Qual? Perguntando de um a um, estimulando a falarem de forma que todos pudessem entender, pois, de acordo com Wittke (2011, p. 109), o professor deve refletir sobre a prática didática e pedagógica oportunizando ao aluno vivenciar situações em que possa conhecer, desenvolver e aperfeiçoar sua capacidade de interagir no meio em que vive, tanto por meio da fala quanto da escrita. A primeira pergunta feita foi explicada, mostrando-lhes a estrutura, os elementos, os enredos e o valor cultural que elas exercem sobre a sociedade, dando-lhes exemplos de fábulas bastante conhecidas em nosso país.

Com isso, podemos verificar a importância que a oralidade tem e deve ser trabalhada com os alunos, de forma que o professor lhes dê subsídio para que se sintam à vontade e possam expressar-se de maneira clara e segura, seja por meio da roda de conversa, apresentação de atividades ou a discussão de assuntos pertinentes ao que está sendo trabalhado em sala de aula.

Em outro momento, fizemos a leitura da fábula “O leão e o ratinho”. Em seguida, conversamos com os alunos sobre os acontecimentos da história, o que eles acharam, como reagiriam se acontecesse com eles, fazendo-os se colocarem no lugar dos personagens. Explicamos a atividade e pedimos para que retornassem as suas cadeiras para registrar o título, a ilustração e o seu entendimento a respeito da história, estimulando a criatividade, a imaginação e a escrita espontânea, sem a interferência do professor. Sobre essa situação didática vale à pena saber o que Morais e Leite (2012, p. 11) afirmam:

Quando acompanhamos, cuidadosamente, a evolução da escrita espontânea das crianças, vemos que elas elaboram hipóteses semelhantes, descoberta por Ferreiro e Teberosky (1986). Sim, é preciso deixar as crianças escreverem como sabem (e não copiarem palavras escritas corretamente pela professora), para podermos detectar em

que nível de compreensão de nosso sistema alfabético o menino ou a menina se encontram.

Foi a partir dessa atividade, então, que observamos o nível de compreensão de cada aluno, visto que a sua liberdade de expressão foi estimulada e eles deveriam fazer exatamente a sua maneira, o que é muito importante para o processo de aprendizagem. No entanto, sempre que tinham dúvidas, os alunos solicitavam ajuda das professoras.

É no momento de observação que o professor, vendo a insegurança do aluno, estimula o seu interesse, mostra que ele tem capacidade de perceber o que deve ser mudado e de corrigir, sem lhes dar a resposta pronta. É um momento demorado, analisar o sentido e compreensão de cada aluno, mas se faz necessário para a progressão em seu nível de linguagem.

Após todos terem terminado os seus registros, voltamos novamente à roda de conversa para que os alunos pudessem socializar o que fizeram. Eles deveriam ler o que escreveram e mostrar os seus desenhos. Aos poucos, foram falando, alguns timidamente e outros bastante desinibidos.

Com isso, percebemos que havia três diferentes níveis de leitura: oito alunos não conseguiam ler convencionalmente e apenas tentavam adivinhar o que estava escrito, onze identificavam apenas alguns fonemas e se atrapalhavam na leitura e seis liam pausadamente e conseguiam compreender minimamente o texto, ou seja, tínhamos um grupo de crianças pré-silábicas, silábicas (silábico- alfabéticas) e as alfabéticas nessa mesma ordem.

QUADRO 01

ALUNOS	NÍVEIS	CARACTERÍSTICAS
1- P.V 2- S.V 3- A.V 4- S.A 5- D.A 6- V.L 7- S.A.F 8- M.R	Pré-silábico	Já sabem que escrever não é desenhar, porém usam letras aleatórias pois ainda não conseguem associar os fonemas da língua falada às letras utilizadas.
1- G.L 2- F. S 3- K.N 4- N.A 5- M.B 6- A.E	Silábico	Descobrem que as palavras são escritas de forma diferentes, começam a associar as sílabas à língua falada, representando uma letra para cada sílaba.

1- J.S 2- J.L 3- L.S 4- A.L 5- E.S	Silábico-alfabético	Começa a compreender que as sílabas possuem mais que uma letra. Mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas;
1- P.H 2- M.L 3- A.G 4- S.F 5- M.E 6- R.B	Alfabético	Já consegue reproduzir adequadamente todos os fonemas de uma palavra, caracterizando a escrita convencional. Domina, enfim, o valor das letras e sílabas.

Fonte: Quadro adaptado de Edinelza Nascimento (2015).

Visando as principais dificuldades no aprendizado dos alunos, prosseguimos com nosso trabalho de incentivar em alguns e aperfeiçoar em outros a leitura e a escrita, de forma que eles aprendessem a ler não só por aprender, mas de modo que pudessem interpretar e compreender o que foi lido, obtendo a criticidade e imaginação, desenvolvendo o seu intelectual e, consequentemente, o progresso necessário para o processo de alfabetização. Para Santos e Carneiro (2013, p.6):

É fundamental que o professor modifique o seu foco de preocupação sobre o que, quando e como ensinar para a reflexão sobre o que fazer para que a criança aprenda de modo a se propiciar verdadeiramente, de nosso sistema de leitura e escrita, e não apenas reproduzi-lo. Nesse sentido o professor precisa ter clareza de que “o que ele ensina é diferente daquilo que o aluno aprende”, pois cada criança vai assimilar as informações que circulam no seu meio e aquelas trazidas pelos colegas e pelo professor, de acordo com as concepções que ela tem sobre a escrita naquele momento.

Mostramos a importância das máscaras na cultura africana, como os símbolos que eram feitos nas máscaras e o uso delas para rituais sagrados. Essa etapa contou com a reprodução de um vídeo com a mesma temática, fazendo uma relação com o que já havia sido explicado em aulas anteriores sobre fábulas. Em seguida, distribuímos a atividade a qual os alunos deveriam responder com base no vídeo que tinham assistido.

Centro Educacional Sesc - Assislandia

Endereço: Rua Costa, 100 - São João - Assislandia

Turma: Fênix e Pavãozinho da Paró

DATA: ____/____/____

Aluno (a): _____

Projeto: Fábulas Africanas



O PAPEL DAS MÁSCARAS NA CULTURA AFRICANA

Com uma máscara no rosto podemos nos transformar em muitas coisas. Podemos fazer de conta que somos outra pessoa, que somos um animal, não é mesmo?

Essa transformação pelo uso das máscaras é muito apreciada na cultura africana.

Para algumas tribos africanas, as máscaras podem ser criadas para garantir uma boa colheita; para outras, elas servem para identificar uma família e também são usadas para contar histórias: lendas e fábulas.

As máscaras também podem ser usadas em nascimentos, enterros e para homenagear os antepassados.

A maioria das máscaras africanas é feita de madeira e a pintura delas é feita com tinta de folhas, frutos, alguns legumes e até mesmo de terra.

Há também, máscaras feitas com outros materiais, como pano, conchas, contas e pedaços de metal.

<https://br.pinterest.com/pin/460782243943849468/7iprtue>



ATIVIDADE

1) Vimos que as máscaras africanas são importantes dentro das tradições do povo da África. Agora, responda as questões:

a) Em quais momentos as máscaras africanas são usadas?

b) Escolha um destes momentos da cultura africana e faça uma ilustração:

SITUAÇÃO ESCOLHIDA: _____

Fig. 1: Fotografia da atividade. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Segundo os objetivos dos PCNs (1997, p. 9) de língua portuguesa, nós, como professores, devemos

utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

Em seguida, realizamos uma atividade prática a respeito das máscaras. Utilizamos os materiais coletivos da sala como tesoura, cola, papel “creative”, cartolina, cola com *glitter*, régua, papel madeira, canetas hidrocor e lápis de cor. Com o intuito de desenvolver a imaginação, a criatividade, a comunicação, a coordenação motora e o debate de ideias, dividimos os alunos em cinco grupos de cinco alunos em cada, onde deveriam construir as suas máscaras para a exposição na culminância do projeto.

Essa etapa foi uma das quais os alunos mais gostaram, foi uma atividade que envolveu corte e colagem e, apesar de ter tido temática e intencionalidade, foi “livre”, pois deveriam fazer de acordo com sua criatividade. Arruda (2000) enfatiza que o trabalho em grupo, na sala de aula, é também muito bom para que um aluno aprenda com outro, ou outros, que, às vezes, sua idéia preexistente não é correta, e o ajuda a assimilar a nova idéia que lhe é proposta. Após o término, o grupo deveria mostrar a máscara que fizeram para os outros alunos.



Fig. 2. Fonte: Acervo da autora.



Fig. 3. Fonte: Acervo da autora.

Apresentamos também, por meio de fichas de imagens, os principais animais que fazem parte da cultura africana, como chacal, tartaruga, leão, cobra, elefante, macaco e leopardo. Mostramos a importância de cada animal para o meio ambiente local, em roda de conversa, promovendo o diálogo por meio das perguntas: ‘Você conhece esses animais?’, ‘Já viu em algum lugar?’, ‘Você sabe onde ele vive?’.

Em seguida, fizemos uma atividade escrita no caderno onde os alunos deveriam escolher 3 dos animais apresentados, ilustrar e escrever os seus nomes, remetendo às fichas apresentadas e estimulando que os alunos pensassem nos fonemas necessários para compor o nome do animal.

Um aluno, que fez questão de interagir a respeito da etapa sobre os animais, afirmou: “Professora, eu já conhecia esses animais, tinha visto em um programa no canal fechado e é muito legal!”, demonstrando todo o seu entusiasmo com os animais e as imagens que foram apresentados.

O projeto ainda contou com dois filmes infantis como recurso didático. Conforme Viana (2010), os filmes devem ser escolhidos pela articulação dos conteúdos e conceitos (a serem) trabalhados (ou já trabalhados) tendo-se em mente o conjunto de objetivos e metas a serem atingidas na disciplina. Dessa forma escolhemos um bastante famoso que retratava animais africanos citados na atividade acima e outro pouco conhecido, mas de uma riqueza muito grande sobre a cultura africana, O Rei Leão e Kiriku e a feiticeira, respectivamente.

Em dias diferentes, levamos os alunos ao cinema para assistirem aos filmes. Após isso, solicitamos que eles registrassem no caderno e respondessem as seguintes perguntas: “Quais animais africanos aparecem no filme?”, “O que acontece no filme?”, “Qual cena lhe chamou a atenção?” e, em seguida, ilustrassem a cena que descreveram na última pergunta. Nessa etapa contamos também com a discussão em roda de conversa sobre o filme, a qual os alunos deveriam comentar o que mais lhe chamou atenção, demonstrando a sua interpretação por meio da oralidade. As repostas foram as mais variadas, como:

- “A parte que o bebê nasce.” (J.L)
- “A parte que encontram o leão desmaiado.” (A.G)
- “A parte que eles brigam.” (S.A)

Com isso, acreditamos que o uso de filmes como recurso didático pode tornar a aula mais interessante, principalmente aos alunos, pois oportuniza a eles uma maneira diferente de aprender, refletir e pensar que se quer ensinar. possibilitam, ainda, a diversificação das atividades e é uma maneira inovadora e eficaz de abordar os conteúdos e fazer com que os alunos tenham mais facilidade em aprendê-los e a construírem suas percepções a respeito da realidade que os cerca. Viglus (s.a, p. 4) ressalta que “Os filmes transmitem mensagens que traduzem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade e de uma determinada época, dessa forma podem ser um instrumento para estimular jovens ao conhecimento da cultura geral.”

Ao assistir filmes como método de aprendizagem, seguida de atividade escrita, o aluno exercita a interpretação, a atenção, o ouvir, auxilia a linguagem, a reflexão e a capacidade de

analisar o assunto criticamente, além de divertir, entre outros benefícios pois é uma forma de aprender por meio do lúdico e fazendo algo que eles gostam.

Outra etapa bastante importante foi a leitura de dois livros da coleção “Bichos da África”, do autor Rogério Andrade. As histórias retratavam a cultura africana e o autor as citou de forma bastante positiva e fielmente à realidade do povo. Unido às ilustrações de Ciza Fitipaldi, promoveram o encanto e o prazer com o ato de ler, em uma riqueza de detalhes e uma história acolhedora. Abreu (2010, p.332) enfatiza que

O processo de desenvolvimento da criança está em constante aprendizado e, a partir das situações vivenciadas, a inteligência infantil amplia-se. Neste sentido, o livro ilustrado colaborará para a construção de novos conceitos. O contato com as cores, as formas e as plurissignificações que a ilustração apresenta despertará o interesse pela leitura e pela literatura, e condicionará a construção de um novo saber, o do letramento.

Dessa forma, é importante que as histórias infantis contenham não só histórias interessantes, mas também ilustrações, desde a capa até a última página, para que o aluno aprenda a ler tanto as palavras quanto as imagens. Andrade (2013, p.4) afirma que

A ilustração costuma ser aplicada como iscas para as crianças, ao atrair a atenção e atuar de forma eficiente no desenvolvimento da capacidade imaginativa e lúdica. Vale ainda reforçar a importância das ilustrações para a esfera pedagógica, pois o aprimoramento do lado cognitivo e associativo para leitores iniciantes se deve muito também à imagem.

Logo, tentamos aproximar os alunos cada vez mais do mundo da literatura, oportunizando situações em que eles possam interpretar e analisar à sua maneira. Assim, incentivamos para que se tornem excelentes leitores, ampliem a capacidade de pensar criticamente e ter gosto não só pelas histórias, mas também pela parte artística presente em grande parte dos livros infantis.

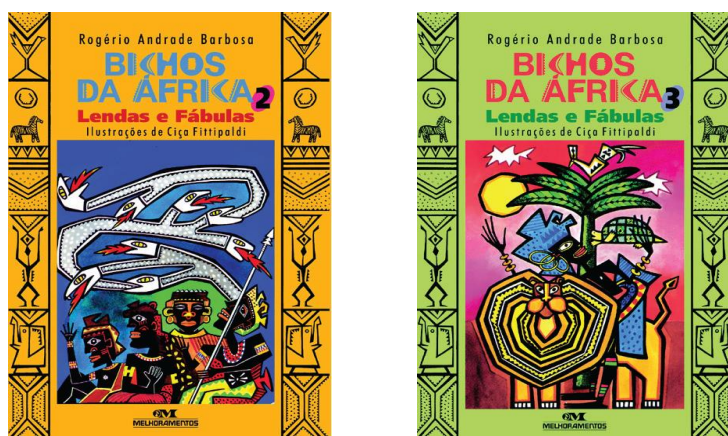


Fig. 4 e 5: Livros de literatura infantil utilizados no projeto. Fonte: Google.

Já se aproximando o término do projeto, solicitamos uma tarefa que os alunos deveriam realizar em suas casas. Deveriam criar e ilustrar a sua própria fábula. Enviamos um modelo, no

estilo folha de caderno meia pauta. Ao recebermos as atividades, notamos que algumas crianças não seguiram o comando de criar e apenas copiaram de algum lugar, pois a linguagem era rebuscada e com enredos que já conhecíamos.

Porém aos que criaram, trouxeram textos bem criativos, com animais com os quais tem mais contato, mas em enredos parecidos com as fábulas populares “A cigarra e a formiga” ou “A lebre e a tartaruga” incluindo as morais. Uma aluna destacou em sua fábula a moral: “não podemos ter tudo o que queremos”. De acordo com Wittke (2011, p. 109),

Como professores de língua, buscamos criar situações interativas em que o aluno possa exercer sua cidadania, desempenhar papel de sujeito de sua história, posicionando-se diante da realidade que o cerca. É importante também que o conhecimento do funcionamento da língua, esse bem cultural tão precioso, sirva de subsídio para que desenvolva autonomia social, política e histórica.

Assim, é importante possibilitar ao aluno alternativas para criar histórias e poder retratar situações, que podem ser, ou não, da própria realidade, para que se expressem por meio de palavras e contextualizem a sua imaginação, criatividade e originalidade durante a criação de um texto com a realidade que o cerca.

Aproveitando que as fábulas envolviam animais, realizamos uma atividade que buscasse auxiliar e melhorar o nível de escrita dos alunos. Foi feita em apenas um dia e dividida em três momentos. Utilizamos durante a atividade os materiais pedagógicos dispostos na sala e ao alcance dos alunos, como o alfabeto móvel, alguns brinquedos, e os materiais individuais deles mesmos como lápis, borracha e caderno. Primeiramente explicamos, em roda de conversa, como aconteceria a atividade.



Fig. 6. Fonte: Acervo da autora

Levamos uma caixa surpresa, onde havia alguns animais e objetos, como tartaruga, girafa, elefante, estrela, entre outros:



Fig. 7, 8 e 9: animais utilizados na atividade. Fonte: Acervo da autora

Os alunos deveriam tirar um objeto de dentro da caixa, aleatoriamente, e escrever o nome com o auxílio do alfabeto móvel. Em seguida, dividimos a turma em três grupos, misturando-os aleatoriamente, mas cientes do nível de linguagem de cada um, pedimos que eles fossem sentar nas cadeiras. Enquanto dois grupos ficavam com uma professora, o outro ficou comigo realizando a atividade.



Fig. 10. Fonte: Acervo da autora



Fig. 11. Fonte: Acervo da autora



Fig. 12. Fonte: Acervo da autora

Aos poucos, os alunos começaram a tirar os objetos da caixa e escrever seus nomes. Eles ficaram bastante entusiasmados com a etapa pois envolvia diferentes emoções, como o momento do “suspense” por não saberem qual objeto iria tirar de dentro da caixa, empolgação por ser uma atividade diferenciada para estimular e associar a oralidade com a escrita, mas também necessitava concentração e dedicação para conseguir escrever as palavras.

Assim que terminaram de escrever com o alfabeto móvel, eles deveriam falar em voz alta o que escreveram e ter a possibilidade de perceberem os diferentes fonemas que continham naquelas palavras, associando a fala com a escrita.

Como podemos ver nas fotos, alguns alunos ainda tiveram dificuldade em escrever a palavra por completo, registrando palavras como: “jirafa” para girafa, “etfe” para elefante, “chícara” para xícara, “tatgua” para tartaruga, “etla” para estrela, entre outras palavras que traduziram o entendimento e compreensão dos alunos, bem como o seu nível de linguagem.



Fig. 13. Fonte: Acervo da autora



Fig. 14. Fonte: Acervo da autora



Fig. 15. Fonte: Acervo da autora

De acordo com o que observamos, de um total de 24 alunos presentes no dia da atividade, 5 usavam letras aleatórias para escrever as palavras, sem associar o som à escrita; 12 conseguiram associar apenas alguns fonemas à sua escrita; 9 conseguiram escrever a palavra ortograficamente correta, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 02:

ALUNOS	NÍVEIS	CARACTERÍSTICAS
1- P.V 2- S.V 3- D.A 4- A.V	Pré-silábico	Já sabem que escrever não é desenhar, porém usam letras aleatórias pois ainda não conseguem associar os fonemas da língua falada às letras utilizadas.

5- S.A		
1- V.L 2- M.R 3- S.A.F	Silábico	Descobrem que as palavras são escritas de forma diferentes, começam a associar as sílabas à língua falada, representando uma letra para cada sílaba.
1- G.L 2- F. S 3- K.N 4- N.A 5- M.B 6- A.E 7- J.S 8- L.S	Silábico-alfabético	Começa a compreender que as sílabas possuem mais que uma letra. Mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas;
1- P.H 2- M.L 3- A.G 4- S.F 5- M.E 6- R.B 7- J.L 8- A.L 9- E.S	Alfabético	Já consegue reproduzir adequadamente todos os fonemas de uma palavra, caracterizando a escrita convencional. Domina, enfim, o valor das letras e sílabas.

Fonte: Quadro adaptado de Edinelza Nascimento (2015).

De acordo com o quadro, podemos perceber que após a execução do projeto realizado na turma, em consonância as outras atividades previstas para o ano, houve um avanço significativo dos alunos no que diz respeito ao nível de linguagem. Cada etapa foi de suma importância para que os alunos compreendessem da melhor maneira os conteúdos previstos, bem como processo de leitura e escrita e passassem a refletir sobre os conhecimentos adquiridos durante o projeto.

Com isso, tanto o aluno quanto o professor, para ter um aprendizado mais concreto, deve investir na construção do seu conhecimento tendo como base não só o que é ensinado na escola, mas também levar em consideração a sua observação/visão de mundo e toda e qualquer experiência que adquiriu em outros momentos de sua vida.

Mais importante que as crianças terem saído (pelo menos algumas) da condição de pré-silábicas para os outros níveis está a possibilidade de que as atividades proporcionaram de que elas escrevessem sentindo necessidade para tal. Isso é o mais importante: ter o que dizer e sobre o que dizer. Essa é a principal defesa de uma concepção de leitura e de escrita sob a perspectiva interacionista da linguagem.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a experiência com o projeto “Fábulas Africanas”, podemos constatar a sua relevância para o processo de alfabetização da turma. A metodologia e as atividades propostas foram pensadas com o objetivo de que cada aluno aprendesse não só os conteúdos previstos para a série/ano, mas também para evoluir em seu nível de leitura e escrita, o reconhecimento de valores, respeito, empatia, noções de cidadania, entre outros aprendizados implícitos por meio de brincadeiras e atividades.

Realizamos as etapas pensando em um melhor aprendizado, reforçando aos que já tinham autonomia na leitura/escrita e oportunizando, aos que ainda não dominavam o código escrito, várias alternativas para que conseguissem dominá-la. Ou seja, foi um trabalho amplo e abrangente, independentemente do nível de linguagem dos alunos, para que alcançasse a todos e, ao mesmo tempo, oportunizasse o auxílio individual.

O projeto foi desenvolvido durante quatro meses e contou com ensinamentos que acreditamos ser essenciais não só para o processo de aprendizagem e evolução do nível de linguagem dos alunos, mas também para quem almeja seguir a carreira docente. Destacamos

duas condições, com base no que foi vivenciado durante o projeto, para que tal aprendizado ocorra como uma via de mão dupla são eles:

O primeiro: é imprescindível destacar a importância do papel do professor em todo esse processo. Para que haja resultados positivos, como houve, o professor precisa criar uma estreita relação por meio do diálogo, estar sempre disponível a ouvir o que o aluno tem a dizer, a complementar, dar voz para que eles se sintam à vontade para expor suas experiências a respeito de tudo que for discutido de maneira pertinente.

Quando falamos em diálogo podemos citar a roda de conversa, a disposição das cadeiras e até o modo de corrigir, individualmente, as atividades dos alunos, como principal maneira de comunicação na sala de aula. O professor, bem como os alunos, tem a possibilidade de olhar nos olhos de cada um, sem que ninguém fique “de lado”, estimular a oralidade para que seja um lugar de discussão e compartilhamento de ideias e fazer o aluno ter a capacidade de perceber onde errou e corrigir sozinho, melhorando, assim, a sua compreensão sobre a leitura e a escrita.

O segundo: a renovação e busca por diferentes métodos e metodologias de ensino auxilia bastante nesse processo. Ou seja, procurar atividades que envolvam os alunos em sua totalidade, que despertem em cada um a vontade de aprender, que promovam interação, atenção, imaginação, criatividade, que saia da mesmice das aulas monótonas, por meio do lúdico, mas sem deixar de lado a responsabilidade do aprendizado e cumprindo os objetivos propostos.

No que diz respeito à metodologia, podemos falar sobre filmes, livros interessantes com ilustrações ricas em detalhes, música, interpretação por meio de desenhos, entre outras atividades que chamem a atenção do aluno e estimulem o seu aprendizado de uma forma mais prazerosa. Com isso, acreditamos que o aluno terá uma melhor percepção e reflexão sobre a sua maneira de leitura do mundo.

Dessa forma, as etapas foram feitas de modo que pudéssemos atender as necessidades de cada aluno, oportunizando a reflexão sobre escrita e leitura, socializando com os colegas as suas atividades e experiências, demonstrando suas interpretações por meio de desenhos, imaginando situações por meio da literatura infantil, fazendo com que observassem as mais divergentes leituras de mundo e, ainda, perceber que os fonemas da língua falada devem ser associados às letras escritas, por meio da escrita espontânea.

Após realizar todas essas atividades citadas, podemos afirmar, portanto, que o processo de aprendizado é individual e vai além do ensino de cada disciplina. Acreditamos que a garantia

de bons resultados, avanço do nível de linguagem e aquisição de conhecimento só acontecerá de forma eficaz se unidas a estas condições.

Dessa forma, podemos dizer que após a aplicação projeto obtivemos um resultado satisfatório visto que grande parte dos alunos conseguiu progredir no nível de linguagem. No entanto, ainda é necessário trabalhar arduamente para que os outros alunos também possam progredir.

5- REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Paula Bernardes. **Revelações que a escrita não faz:** a ilustração do livro infantil. Baleia na rede. Revista eletrônica do grupo de pesquisa em cinema e literatura. V.1, nº 7, p. 328-343. Ano VII, Dez/2010.
- ANDRADE, Júlia Parreira Zuza. **O papel da ilustração no livro-ilustrado:** uma discussão sobre autonomia da imagem. Anais do SILEL. V. 3, N. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- ARCANJO, Tainá Mattos. **O valor educativo e cultural das fábulas.** Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, s.n, 2015.
- ARRUDA, Cordélia Canabrava. **O livro didático no construtivismo.** Duque de Caxias, 2000.
- BARROS, Paula Rúbia Pelloso Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição da leitura.** Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO. São Paulo, 53 p., 2013.
- GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação.** Revista Brasileira de Educação. N. 23 Rio de Janeiro, Mai/Ago, 2003.
- GUARDA, Gelvane Nicole, et.al. **A roda de conversa como metodologia educativa:** o diálogo e o brincar oportunizando o protagonismo infantil na sala de aula. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26991_13947.pdf
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura:** teoria e prática. São Paulo: Unicamp. 1996.
- KRAMER, Sônia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil:** educação infantil é fundamental. Educação e Sociedade, São Paulo, v. 27, n. 96, p. 797-818, out./ 2006.

LIMA, Renan; ROSA, Lúcia. **O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita.** CIPPUS – REVISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNILASALLE. Canoas – RS, v. 1 n. 1, p.153-169, maio/2012.

MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)** – 1ª a 4ª séries: Língua Portuguesa. Ministério da Educação e de Desportos Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.

NASCIMENTO, E. C. R. **Relato de experiência com o jogo bingo da letra inicial no primeiro ano do ensino fundamental.** Trabalho de conclusão de curso. Belém, 2015

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa:** tipos, técnicas e características. Doutorando pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFAL, 2008.

ROLDÃO, Maria do Céu. **Função docente:** natureza e construção do conhecimento profissional. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p.94-181, jan./abr., 2007.

SANTOS, Dangela; CARNEIRO, Stânia. **Dificuldades de escrita diagnosticadas em alunos do ensino fundamental.** Exitus, n. 02, p. 195-205, 2013.

SANTOS, Marzo Vargas Dos; NETO, Vicente Molina. **Aprendendo a ser negro:** a perspectiva dos estudantes. Cadernos de pesquisa, v.41, n.143, maio/ago, 2011.

SOARES, Sônia Ribeiro de Moura. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE.** Produções Didático-Pedagógicas. Paraná, v. 2, p. 1-15, 2014.

TEIXEIRA, Madalena Telles; REIS, Maria Filomena. **A Organização do Espaço em Sala de Aula e as Suas Implicações na Aprendizagem Cooperativa.** Meta: Avaliação. Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 162-187, mai./ago. 2012.

VIANA, M. C. V. **O Cinema na Sala de Aula e a Formação de Professores de Matemática.** Mini-curso oferecido aos alunos do Curso de Matemática na UFRJ. Dia de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais. Seropédica- RJ. Maio/2010.

VIGLUS, Darcy. **O filme na sala de aula:** um aprendizado prazeroso. Paraná, S.A, p. 1-22.

WITTKE, C. I. **O papel do texto na aula de língua sob uma perspectiva interacionista.** Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. São Paulo, volume 1, nº. 11, p. 103 – 126, Set./2011. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. <https://www.normaseregras.com/dicas/pesquisa-qualitativa/>